

Stadium

N.º 126 ★ 2 DE MAIO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



PORTUGAL - ESPANHA...

TAVARES DA SILVA

O SELECIONADOR

PEYROTEO

O AVANÇADO-CENTRO

Dois homens nos quais os desportistas portugueses têm agora os olhos postos... Ao primeiro coube a ingrata tarefa de constituir uma equipa que nos leve à vitória. Ao segundo pertencerá boa participação na luta — dentro do seu papel de traduzir em «goals» o esforço dos avançados seus companheiros...

Uma dúzia de exercícios gimnásticos de preparação física

XII — ... para os lançadores de martelo

Aviso prévio: Não se trata aqui de esquemas de lições de ginástica, mas apenas de uma escolha de alguns entre os muitos exercícios que melhor correspondem às necessidades de preparação física especializada destes atletas.

Também não escrevi estas notas para professores; esses não precisam do meu conselho. Escrevi para os rapazes que trabalham sem assistência de técnico competente e por isso redigi o enunciado dos exercícios fora das regras da terminologia oficial, de maneira a ser compreendido por eles aquilo que pretendo explicar.

SALAZAR CARREIRA

1—Sobre as pontas dos pés, braços em extensão anterior: saltitar alternadamente em grande flexão de joelhos (pés juntos e joelhos unidos) (Fig. 1-A) e de pernas estendidas e afastadas. (Fig. 1-B)

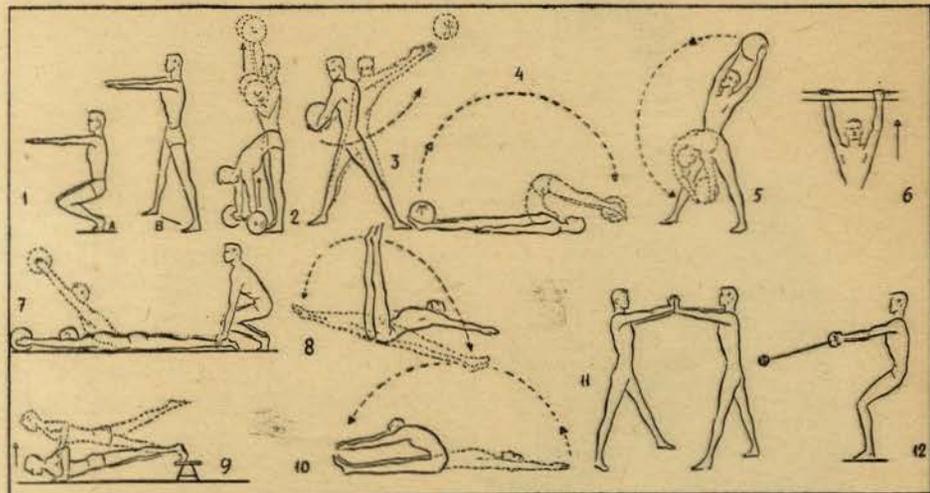
2—Exercícios com pesos: mão no ombro e extensão superior do braço (*developpé*) (Fig. 2); barra no solo e levantamento a tempo, com os dois braços, directamente até à extensão superior (*arraché*), etc.

3—Com a bola medicinal: de pé e pernas afastadas, tronco em torção à direita e a bola segura pelas duas mãos atrás da anca direita: lançamento da bola pela esquerda e para cima, na direcção das costas, por meio da rotação do tronco para a esquerda, seguida pelo impulso dos braços. (Fig. 3)

4—Deitado dorsal, braços ao longo do corpo, segurando a bola medicinal entre os pés: elevação das pernas e do dorso até assentar a bola, sempre presa pelos pés, atrás da cabeça e regressar à posição inicial. (Fig. 4)

5—De pé, pernas afastadas, segurando a bola medicinal entre as mãos, braços em extensão superior: grande flexão do tronco à frente, passando os braços entre

as pernas, e regresso à posição inicial. Executar balançado três ou quatro vezes e concluir lançando a bola para trás, por cima da cabeça. Os braços nunca devem fle-



ctir, nem o ventre avançar no tempo de extensão. (Fig. 5)

6—Suspensão: elevações por flexão dos braços, suspensão com as

mãos de frente; com as mãos em oposição, isto é, com as palmas das mãos voltadas para a cara do ginásta; com os dois polegares para o mesmo lado. (Fig. 6)

7—Deitado facial, um ajudante a segurar os pés, mãos segurando a bola medicinal sobre a nuca: extensões dorsais, levantando ao máximo o tronco e a cabeça, recuando bem os cotovelos. (Fig. 7)

8—Deitado dorsal, braços em afastamento lateral, com as palmas das mãos em apoio no solo, pernas unidas e estendidas na vertical: oscilação simultânea das pernas até tocar o solo alternadamente à esquerda e à direita do corpo.

Não levantar os ombros do solo e manter o ângulo recto das pernas com o tronco. (Fig. 8)

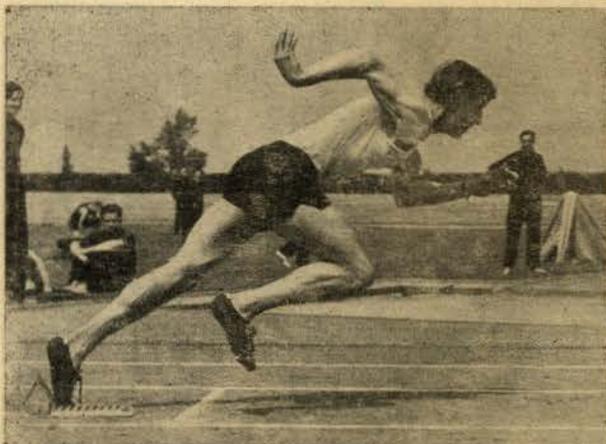
9—Queda facial com os pés em apoio elevado, braços flectidos: extensão brusca dos braços projectando o corpo para cima (sempre em prancha com as pernas) a descolar as mãos do solo. (Fig. 9)

10—Deitado dorsal, pernas afastadas, braços estendidos no prolongamento do corpo e segurando nas mãos uma bola leve: flexões do tronco à frente tocando com a bola no solo, alternadamente do lado de fora do pé esquerdo e direito. (Fig. 10)

11—Com um ajudante: luta braço a braço—puxando alternadamente com cada braço, empurrando com os dois braços, etc. (Fig. 11)

12—Estudo da circundação do martelo, usando como apetrecho uma simples corda do comprimento regulamentar, presa a uma pega e com um pequeno saco de areia na extremidade. (Fig. 12)

A BELEZA DO ATLETISMO



Magnífico instantâneo, colhendo o atleta Kohlheff numa partida. O esforço do corredor ressaltava impressionantemente de todos os seus músculos

A expansão da STADIUM

GRACAS à amabilidade de um nosso prezado leitor, o sr. José António Herdeiro, de Lisboa, tivemos há pouco uma oportunidade para aquilatar de expansão da nossa revista. Os pedidos de separatos, especialmente na parte que se relacionou com a remessa das capas especiais oferecidas aos coleccionadores dos tricromios e reportagens que publicámos na anterior época de futebol, já nos haviam dado ao a comprovar que *Stadium* chega aos mais recônditos lugares do país e colónias. Agore, o sr. José António Herdeiro facultou-nos uma carta recebida de sua irmã, a sra. D. Maria Amélia Herdeiro, que reside noda menos que em Bangui, na África Equatorial Francesa!

Entre as poucas publicações portuguesas que certamente chegam a tão longínquas paragens, lá estava a nossa revista — e a sra. D. Maria Amélia Herdeiro faz-he mesmo uma referência especial, que nos satisfaz deversos e que estamos autorizados a transcrever:

Recebemos há dias dois pacotes de jornais, com algumas revistas, e não fazes ideia da alegria que nos deram. Já está quasi tudo lido, infelizmente!

A revista Stadium, que vem com a reportagem sobre a inauguração do Estádio Nacional, tem andado de mão em mão, entre belgas, franceses e portugueses. Ainda nem a pude ler!

Depois, a nossa compatriota conclui por mostrar que não esquece o clube predilecto nos tempos em que vivia no seu Portugal, posto que não deixa de acrescentar, certamente como comentário ao desfecho do encontro em que se disputou a «Taça Império», no jornada magnífica de 10 de Junho de 1944:

Que a sorte continue a acompanhar o nosso Sporting!

Ao sr. José António Herdeiro e a sua irmã, pela amabilidade com que nos proporcionaram mais uma eloquente prova da expansão de *Stadium*, os nossos expressivos agradecimentos.

BUSTORFF SILVA

da sala Carlos Gonçalves

venceu no torneio de 3.^{as} categorias de espada

ABRILH a época de espada. A arma de mais decidida preferência entre nós não teve, porém, no primeiro torneio da época, a inscrição avultada que já registou noutras temporadas. O belo desporto das armas continua a

3-4, 16/12; 7.^o-Mário Mourão, da M. P., 3-4, 19 t. r.; 8.^o-Madeira Lopes, do A. C. L., 2-5.

Como se vê, as classificações não tiveram sensível diferença entre si pelo que toca ao número de vitórias. Há até o pormenor de a maioria das posições haver sido resolvida pelos toques — em abundância raras vezes verificada sob tal aspecto.

Contado, isto não significa que existisse entre os finalistas a equivalência que o facto parece demonstrar.

Para nós, há até a circunstância de considerarmos que Radl Peres e Mário Mourão, entre outros, mereciam ter ficado mais bem situados do que a folha de marcação regista.

Quanto ao vencedor, Bustorff Silva, foi na realidade o esgrimista que mereceu o triunfo, pois que se revelou o mais «poulista», incisivo e de certo modo difícil.

No grupo dos atiradores que totalizaram quatro vitórias, o dr. António Coito teve golpes de propósito, mas a par de certa maioria em que só a hesitação dos adversários lhe poupou o «arrete» iminente... Lamy de Almeida melhorou de modo flagrantíssimo quando conseguiu fazer o aconselhável «controlo» da sua energia, que despende à base de excessivo nervosismo. Antero Martins, que está mais bem colocado na guarda, mostrou progressos — mas não os concretizou na condução dos assaltos.

No segundo grupo em igualdade de resultados, Joel Pascoal jogou sem iniciativa, consequência da falta de contacto com a prancha. Radl Peres mostrou de novo a boa intuição que possui, mas foi manifestamente pouco feliz, posto que era, na «poule», dos mais fortes elementos em jogo.

Da mesma forma Mário Mourão podia ter adquirido um lugar mais em harmonia com o mérito que evidência de prova para prova. Pouco experiente, tornar-se-á um esgrimista forte quando souber utilizar as suas magníficas qualidades.

Madeira Lopes, o último classificado — outro atirador que podia aspirar a melhor posição — surpreendeu-nos com o pouco rendimento que obteve na final. Necessita evitar a excessiva contracção do braço.

Foram eliminados: Castro Bizarro, bom esgrimista, que se ressentia do longo período de afastamento da sala de armas; dr. Felisberto Coito, que não tira partido das condições físicas de que desfruta; Tito de Sousa e Nagera Rei, que não mostram tendência para progredir; e Matos Salvador, A. Castelo Branco e Viotti Carmona, atiradores iracões, designadamente os dois últimos.

Dirigiu os combates, a contento de todos, o sr. Fernando Pereira, da F. P. E.

A. M.



BUSTORFF SILVA

jovem vencedor do torneio

não dar margem para optimismos, porque a actividade de salas de armas parece enfermar da falta de interesse dos seus próprios atiradores e porque a sua acção se encontra muito dificultada em diversos pormenores — a carência e elevado custo do material, por exemplo.

Os quinze concorrentes ao torneio de 3.^{as} categorias de espada da F. P. E., disputado na última semana e no qual coube mais uma vez abrir a época, foram inscritos pelo Hockey Clube (4), «Academia Portuguesa» e Ateneu Comercial (3 cada), Lisboa Gimnásio e Gimnásio Clube (2 cada) e Sala de Armas Carlos Gonçalves.

Disputada na magnífica esplanada do Ateneu Comercial, abrigada e tendo boas condições de luz, a prova decorreu com a maior regularidade, que nem a chaya chegou a perturbar deveras. A aparelhagem eléctrica da F. P. E., agora confiada ao carinhoso cuidado do sr. engenheiro Santos Daque, prova estar perfeitamente afinada, desaparecendo até as dúvidas verificadas na época anterior em relação ao registo do «coup-double».

A final, antecedida de duas «poules» eliminatórias, forneceu o resultado seguinte:

1.^o-Bustorff Silva, da S. A. C. G., com 5 vitórias e 2 derrotas; 2.^o-dr. António Coito, do L. G. C., 4-3, 13 toques recebidos; 3.^o-Lamy de Almeida, do A. C. L., 4-3, 14 t. r.; 4.^o-Antero Martins, da M. P., 4-3, 15 t. r.; 5.^o-Joel Pascoal, do H. C. P., 3-4, 16/13 toques; 6.^o-Radl Peres, do H. C. P.,

O capitão José Beltrão

ganhou merecidamente a taça

«Rodrigo de Castro Pereira»

COM a vitória de «Jocosos», montado por Barros e Cunha, terminaram as «poules» que a Sociedade Hípica organizou, desde Fevereiro, a contar para a taça «Rodrigo de Castro Pereira», trofeu que seria atribuído ao cavaleiro que obtivesse, montando o mesmo cavalo, maior número de pontos no conjunto das «poules» realizadas.

Foram nove as provas disputadas e em todas se registou grande afluência de público e interesse digno de nota da parte dos concorrentes.

O «Congo», montado pelo capitão Reimão Nogueira, obteve duas vitórias (a 1.^a e a 8.^a), o «Barrufo», conduzido por D. Fernanda Leote, única senhora inscrita na prova, triunfou igualmente em duas «poules» (na 3.^a e na 6.^a), proeza que também foi conseguida pelo «Montes Claros», que Henrique Vollmer classificou em 1.^o lugar, no 2.^o e 4.^o domingos. O «Lord», com Abrantes da Silva, ganhou no 5.^o dia, a «Inquiridora», com José Granate, no 7.^o, e finalmente o «Jocosos», com o alferes Barros e Cunha, venceu no último domingo.

No conjunto das provas é justo salientar a actuação do «Kirsh». Em boa forma, foi avolumando pontos com regularidade, dando ao capitão José Beltrão a vitória merecida, sem dúvida, mas duvidosa até ao fim, dada a pequena distância a que se encontravam os cinco concorrentes mais classificados.

A partir do 4.^o domingo, o «Kirsh» figurou sempre entre os quatro primeiros da classificação — e duas vezes, pelo menos, teria sido ele o vencedor se o não abandonasse o factor sorte, sempre

indispensável nas provas deste género.

O cavaleiro recupera, a pouco e pouco, a sua antiga forma e o cavaleiro aproveitou-lhe bem as qualidades. Alcançou 100,5 pontos.

Outro conjunto que agradou foi formado por D. Fernanda Leote — que voltou às lides em plena forma — e pelo «Barrufo», um cavaleiro argentino que se apresenta este ano com boas possibilidades. Houve sempre aplausos vibrantes da assistência e — digamo-lo — bem merecidos foram. Coube-lhe o 2.^o lugar da classificação geral, com 97 pontos, menos 3,5 do que o vencedor.

Reimão Nogueira, com o «Congo», abriu a série de triunfos, e quasi a fechou, fixando-se em 3.^o lugar, com 94 pontos, apesar de não ter comparcido a todas as provas. Foi outro conjunto agradável e valoroso a animar as «poules».

O 4.^o da classificação foi Joaquim Barrêto, que aproveitou muito bem as qualidades do «Selector», e o 5.^o Henrique Vollmer. Menos regular nas últimas provas, era, desde o começo, apontado como um dos favoritos.

Queremos ainda anotar duas referências à «Inquiridora» e ao «Jocosos», a primeira prejudicada por falta de comparência e o último fazendo boa figura nas três únicas «poules» em que entrou. Montaram-nos, como de costume, José Granate e Barros e Cunha.

Em conjunto com esta prova fez-se disputar outra mais simples, destinada a cavalos pouco concursados e não vencedores.

Durante as nove «poules» salientou-se o tenente Joaquim

(Continua na página 15)

OS GRANDES JOGOS DE FUTEBOL



No Wembley Stadium, perante 75.000 espectadores, a «duquesa de Gloucester entrega a Taça a George Wale, capitão do Arsenal, após a vitória na final sobre o Charlton Athletic. A esquerda vê-se W. C. Cribb, presidente da Liga

VAMOS GANHAR...

Domíngo passado foi práticamente o último dia de actividade preparatória dos jogadores que compõem a selecção nacional de futebol, antes de partirem para a sua viagem à Corunha. O dia de segunda-feira foi occupado em preparativos, pessoais; o arrumar da mala, as despedidas...

Fez-se o último treino no Estádio Nacional, perante dirigentes, jornalistas e um bom grupo de curiosos, a quem Tavares da Silva permitiu de bom grado a entrada.

Decorreu bem esta sessão, na qual colaborou o «team» do Belenenses, permitindo uma primeira parte interessante, com aspectos muito valiosos de futebol. O comportamento do «team» que vai defender as cores nacionais correspondeu ao espirito de selecção, dando confiança — e esperança.

Voltámos ao Estoril. Surpreendemos o mesmo ambiente magnífico de camaradagem. Aquella desconfiança rapazes mantém entre si constante acôrdo e uma fé inabalável no triunfo em La Corunha.

Sem hesitações, espontâneas, os deuses-los jogadores portugueses disseram a Stadium o seu pensamento quanto ao XVI desafio de futebol entre Portugal e Espanha.



— Confio na rapastada. O jogo será difficil, mas... ganhamos por 3-2!

Amorim



— Estou esperançado em que vamos obter o nosso melhor resultado com a Espanha...

Joaquim da Silva Faria (Fábry)



— Jogo bastante difficil, mas a boa disposição dos rapazes será trazida para um bom resultado.

André



— Aquilo vai ser um horadinho difficil, mas tenhamos confiança que saberemos honrar as cores nacionais.

Cam. P. P. P. P.



— Não conheço os espanhóis em jogo. Parece-me um encontro difficil. Quanto ao resultado, tenho esta opinião: Eu quando jogo sempre ganho...

Basilio Garcia



— Tenho muita fé neste jogo. Encontro difficil, sem dúvida, mas entre nós está já firmado o pacto: «Um por todos e todos por um!» Quanto ao resultado, sei que será uma vitória nossa pela diferença mínima. E espero que a sorte nos acompanhe!

António Feliciano



— Temos muitas possibilidades de ganhar o jogo, tanto mais que depois do último encontro ficámos convencidos que os espanhóis não são melhores.

Fernando de Sá



— Admito absolutamente a vitória. Tenho confiança na equipa, como todos devem ter.

Fernando de Sá



— Ganhamos!!

Cl. Ferriz



— É difficil. Mas o grupo estará em campo com uma vontade férrea de obter o desejado resultado. Eu, por mim, vou com a idéia fixa em furar as redes de El Estre.

Rafael Garcia



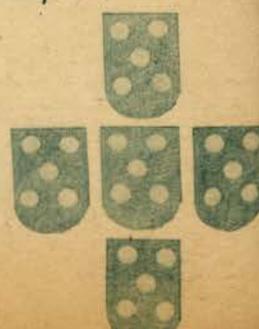
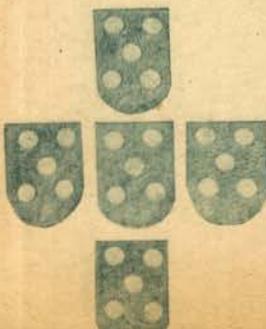
— Não faço idéas do que serão os espanhóis em campo, pois nunca os vi jogar, mas isto facto não me estoriza e estou de alma e coração com os meus companheiros quanto ao seu firme pensamento do triunfo.

Francisco Gomes da Costa



— É sempre difficil uma opinião. No entanto, vejo o grupo cheio de boas esperanças. E nisto o necessário é haver vontade e sorte. O resto virá depois...

A. P. Soares



...O XVI PORTUGAL-ESPANHA



— Podemos e devemos ganhar. Embora seja um jogo difícil, posso dar a certeza de que todos cumprirão muito bem o seu dever!

Adalino Augusto da Cruz Monteiro (Batalista)



— A vontade de todos em conseguir a vitória é enorme. Isto abafará o aspecto difícil com que possa encarar-se o jogo. Pressinto que estou na nossa mão as possibilidades de fazer o nosso mais brilhante resultado com os espanhóis.

Fernando de Sá



— Devemos ganhar por 2-1. A equipa está bem formada. São dezasseis vontades.

Francisco Moreira



— A psicologia e o saber do seleccionador e a vontade dos meus «pupilos» é quanto a mim uma garantia do nosso êxito.

Severiano Correia



— A minha missão de médico da equipa não parece indicada para bordar opiniões sobre o futebol que os seleccionados poderão desenvolver na Corunha. Mas no meu caso sou um médico que tenho acompanhado sempre o futebol e assim quasi posso dar uma opinião.

«O médico diz-lhe-á que nenhum dos seleccionados lhe causa qualquer apreensão quanto ao seu estado físico. Todos aprovados. A observação que mantinha dá-me inteira tranquilidade; todos bons!»

«Como apreciador de futebol, acompanhando a sua evolução, vejo que a turma satisfaz.»

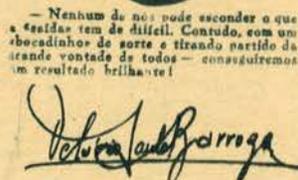
«O jogo vai ter características diferentes das do Estádio Nacional. Mas a vontade dos nossos jogadores há-de impôr-se. As esperanças que animam todos vão traduzir-se num bom resultado.»

Manuel Espírito Santo



— Devemos encarar a possibilidade de uma vitória, mesmo tendo em conta a «fúria» e a classe dos jogadores espanhóis. Ao fim de dezasseis encontros em que só registámos derrotas e empates, é justa e compreensível esta fé na vitória.

Fernando Sá



— Nenhum de nós pode esconder a que a «saída» tem de difícil. Contudo, com um «bordado» de sorte e tirando partido da grande vontade de todos — conseguiremos um resultado brilhante!

Victor Augusto Barroga

Aqui estão as dezasseis opiniões que fomos recolher ao Estoril para oferecer aos nossos leitores na hora da partida do «sonar» nacional.

Tém o condão de nos manter em permanente fé, de compartilharmos do seu entusiasmo.

Quando se consegue reunir assim um grupo de vontades nivelando-as pela mesma idéia, unindo-as no mesmo desejo, não há que duvidar...

O futebol português, vivendo actualmente um período de entusiasmo e expectativa popular, vai ficar agradecido a estes dezasseis brmos rapazes. A Corunha espera-os para o XVI Portugal-Espanha. Portugal recebê-los-á em triunfo.

Ao lado dos jogadores seleccionados, acompanhando-os, numa ligação preciosa e atenta, estão quatro elementos, que constituem um bloco de valor. Nesse grupo fixa-se a base sobre a qual assenta a constituição dos jogadores.

Aos olhos perscrutadoras de Tavares da Silva, sabendo escolher, juntam-se os cuidados do médico vigilante — o dr. Mesquita Guimarães, as mãos hábeis e competentes do massagista — Manuel Marques, e os conselhos do treinador — Severiano Correia, e os conhecimentos do professor de ginástica — dr. Luis Adão.

Dia a dia acompanham a vida dos jogadores, cujas condições físicas lhes estão entregues.

Os homens a cargo de quem está a preparação atlética e a vigilância física dos nossos internacionais de futebol, expuzeram assim a sua opinião, quanto ao grande jogo de domingo.

FERNANDO SÁ



— Se a nossa equipa souber aguentar bem os primeiros 15 minutos de jogo dos espanhóis, estou convencido de que não será nada difícil arrancarmos um resultado honroso.

Severiano Correia

A equipa do FUTEBOL CLUBE DO PORTO

encendora do torneio de «volleyball», organizado pela STADIUM na capital do Norte e em que se disputou a taça «Dr. Salazar Carreira».



Vamos aprender como se joga?

XI—O papel dos médios na defesa

Notes técnicas pelo dr. SALAZAR CARREIRA

REFERIMOS-NOS no último capítulo às jogadas de ataque onde intervêm os médios, sempre de agradável e movimentada execução, mas temos agora de considerar o reverso da medalha, de menos brilhante colorido mas de igual importância na acção destes jogadores.

Supuzemos nas anteriores considerações que a bola saía da formação pelo bom lado; vamos apreciar a solução inversa, isto é, o que deve acontecer quando o talonador adversário consegue vantagem.

Sempre que assim succede, o médio de formação deve acompanhar rigorosamente o caminho da bola através das linhas de pés dos avançados em formação, procurando chegar ao mesmo tempo que ela ao plano de saída. Claro está que, por maior vigilância e rapidez que empregue, nunca o conseguirá se respeitar a lei da deslocação, mas terá sempre vantagem em forçar o médio contrário à imediata passagem, ceceando-lhe toda a iniciativa.

O papel defensivo do médio de formação é, aliás, a repetição, às avessas, do que dissemos no capítulo anterior e resume-se em meia dúzia de palavras, pois consiste apenas em impedir o adversário de fazer aquilo que lhe competiria executar se fôsse elle o beneficiário da bola.

No caso dos avançados contrários conseguirem rodar a formação, compete ao médio impedir que o «dribling» consequente se torne eficaz, deitando-se resolutamente sobre a bola.

A situação do médio de abertura também não é invejável quando os seus avançados não levam a melhor no talonagem. Tudo que de fulgurante pode realizar em ataque deve, pela sua defesa, impedir que seja feito pelo adversário. É-lhe indispensável muita energia, trabalho constante e força de ânimo indomável, para nunca desespear perante qualquer situação, por mais irremediável que pareça.

E geralmente ao médio de formação que pertence o trabalho de repor a bola em jôgo quando sai pela linha lateral; cingido pelo rigor estreito das leis, que o forçam a lançar a bola perpendicularmente à linha, o médio não se preocupará com ângulos de direcção, mas unicamente com ângulos de alcance.

O médio ao qual pertence o lançamento deve executá-lo sem a mínima perda de tempo, afim de aproveitar qualquer atraso na colocação dos adversários. Necessita então de rápido golpe de vista, para apreber qual o homem da sua equipa em melhor posição para beneficiar da oferta da bola, e certeza de braço, para a lançar exactamente às mãos desse jogador.

Impõe-se perfeito entendimento, nesta fase do jôgo, entre o médio e os avançados, que elle deve avisar, por forma previamente combinada, do que tencionou fazer.

Quando o lançamento se passa em terreno adversário e já perto da linha de balizas, é às vezes vantajoso um lançamento muito longo, directamente endossado ao três-avos, sabedor da manobra, ou, pelo contrário, o passe curto ao três-avos ponta, que se infiltra entre a linha limite da jogada e o primeiro avançado em posição propositadamente recuada.

O médio de abertura não tem nesta fase a preocupação do adversário directo, de quem o separa toda a fila dos avançados, e colocar-se-á na posição que julgar melhor para apoiar ou continuar a acção dos avançados, caso recolha a bola.

O trabalho dos médios do partido contrário aquêlle que executa o lançamento é simples: um deles vigiará o espaço deixado livre entre a linha de limite do corredor e o primeiro dos avançados contrários, para evitar a penetração do três-avos ponta, e o companheiro instalar-se-á em frente do médio adversário que não executa o lançamento.

PARA QUANDO O REGRESSO AO MAR?

Os dirigentes devem pensar no Tejo...

LA fora, no estrangeiro — de onde copiamos tanta coisa má... — as provas de mar estão sempre na ordem do dia. Na França, por exemplo, onde por todo o lado se encontram piscinas das mais variadas características, havia duas provas, além de muitas outras, cuja fama atravessou fronteiras: a célebre travessia de Paris, organização do importante diário desportivo «L'Auto», e a travessia do Sena, no dia de Natal.

Na primeira, Paris alcançou inescutíveis vitórias. Na segunda, Cartonnet registou triunfos brilhantes, nos seus melhores tempos de «pinter» famoso. E, afinal, tanto Paris como Cartonnet — dois nomes de que o desporto francês legitimamente se orgulha — brilharam a grande altura nas provas realizadas nas piscinas, tendo até representado a França em certas olimpíadas, numa eloquente afirmação da sua incontestada classe.

O que lembramos apenas visa a demonstrar que nos países onde a natação atingiu grande desenvolvimento, e onde as piscinas se contam por centenas, o gosto pelas provas de mar não desapareceu. Nem podia desaparecer. As provas de mar, ou de rio, têm a sua função ou as suas características próprias. Têm os seus fins de propagação, que nada pode superar. E têm mesmo, em última análise, a sua beleza própria, a grandiosidade que o esforço do atleta ganha em viril competição com os elementos naturais.

Entre nós, presentemente, não de pensa assim, para mal da moralidade.

Lisboa, que tanto deve ao Tejo, razão da sua existência e da sua beleza — volta-lhe as costas. Provas tradicionais, como as travessias de Lisboa e do Tejo — caíram no esquecimento.

Péssima orientação, que a continuar tirará à natação portuguesa uma das suas mais interessantes tradições.

Não há como as provas de mar para atrair o público, esse público que tão arreado tem andado nos últimos tempos.

Quem se der ao trabalho de folhear a colecção da *Stadium* verificará, sem esforço de maior, quanto nos temos batido pela realização de provas de mar. Neste dealbar de mais uma temporada natatória de novo vimos a terreiro, absolutamente seguros que estamos dentro do bom critério, certos de que, mais tarde ou mais cedo, o bom senso há-de prevalecer.

Se tal não se verificar, continuaremos. Continuaremos, sempre, na defesa desinteressada de uma ideia que é, afinal, uma necessidade imperiosa para a natação.

E esperaremos que a inércia — uma lei da física, bem humana, por sinal... — cesse o seu efeito e que, de novo, enfrentando as dificuldades e as resistências que possam aparecer os dirigentes voltem o seu olhar para o Tejo, cujas condições naturais são um convite constante aos nadadores lisboetas.

A. T.

De Coimbra

A TAÇA TENENTE-CORONEL SACRAMENTO MONTEIRO

um torneio interessante que pôde servir de ensaio como fórmula para futuro

União de Coimbra foi infeliz na sua série do Campeonato Nacional da II Divisão. Equilibrou-se com o «onze» do Oliveirense, o vencedor, mas empatou, inesperadamente, com o Académico de Viseu. Este ponto cedido no indicado desafio — um só ponto — veio a fazer-lhe imensa falta na classificação geral da «poule». Bastou para perder o triunfo a que podia aspirar, não obstante o Oliveirense ser dos melhores clubes do distrito de Aveiro, em futebol.

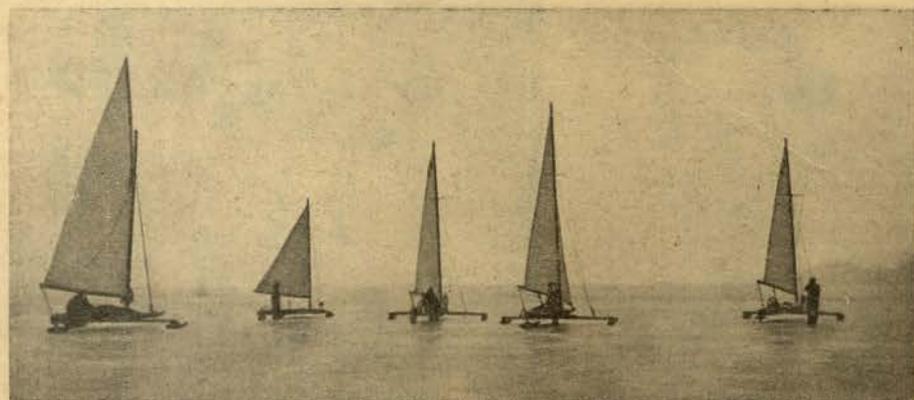
Há, porém, a lei das compensações — e o União teve-a este ano. O seu afastamento prematuro no Campeonato Nacional ofereceu pretexto para uma iniciativa que é das mais interessantes e oportunas que têm surgido, entre equipas de segundo plano numa grande região do país. É uma tentativa que pôde ter reflexo notável na orgânica dos campeonatos.

Consistiu em reunir, num torneio regular, em «poule», com duas «voltas», alguns dos clubes que saíram cedo do campeonato da II Divisão. Agruparam-se, com este objectivo, seis grupos de cinco distritos do norte: União, de Coimbra; Sanjoanense e Espinho, de Aveiro; Leixões, do Porto; Sporting, de Braga; e Vianense, de Viana do Castelo.

Fez-se com eles um torneio que pode servir de «ensaio» para o futuro. O seu êxito, como fórmula, depende do que alcançarem no campo administrativo. Cor. vém, de facto,

(Continua na pág. 15)

UM DESPORTO IMPOSSÍVEL EM PORTUGAL...



Trata-se de provas disputadas com «veleiros da neve», trenós de configuração especial, que chegam a atingir velocidades elevadas só com o impulso do vento sobre a sua vela esguia, para o que são de exigir boas planícies geladas — das quais não dispomos no País...

A categoria de honra da Associação do Sul

e as deficiências do respectivo torneio

Comentários de V. SANTOS

Os restantes não chegaram a comparecer...

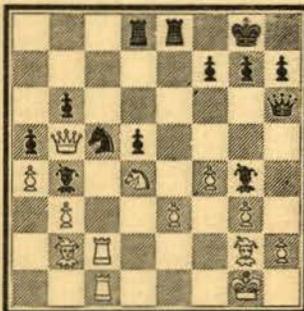
A categoria de honra da A. X. S. ficou constituída com segue:

Rui Nascimento e José Maria Dóres, do Grupo de Xadrez de Lisboa; Helder Saldinha, da A. E. I. S. Técnico; eng. Rodrigues da Silva, Manuel Antunes e Manuel Esteves, do Clube dos Caçadores; Armindo Dias, do G. X. da Imprensa Nacional; Frederico Lasvignes, do G. X. da Costa do Sol; e engenheiros Nandim de Carvalho e Humberto Reis, do Estoril Praia.

De sublinhar o facto dos dois vencedores — Nandim de Carvalho e Nascimento — serem componentes da selecção nacional que defrontou a Espanha e ambos haverem estado há pouco em foco num artigo do xadrezista comibricense dr. Carmo Vaz, ao qual já fizemos referência.

O I PORTUGAL-ESPAÑA no tabuleiro

A primeira partida jogada entre os dois campeões presentes no «match», F. Lupi e A. Medina, atingiu a posição do seguinte diagrama:



As brancas (F. Lupi) decidiram rapidamente o jogo a seu favor, com 29. Bxd5, Txe3; 30. Dc4, Dg6; 31. Cc6, Tf8; 32. Ce5, Dh5; 33. Dd4!

O campeão espanhol regotou neste momento o tempo regulamentar de reflexão.

Outra partida do encontro

Branças — Rui Nascimento (Portugal).

Pretas — António Frias (Espanha).

G. D. — Sistema Catalão.

1. d4, Cf6; 2. Cf3, e6; 3. e4, d5;
4. Cc3, (aqui há mais duas continuações dignas de consideração: 4. Bg5, num convite à variante de Viena (4... Bb4 e 5... dxc4) e 4. g3, enveredando imediatamente pela Catalão); 4... Be7 (mais activo é 4... c5, 4... Bb4 também é jogável (defesas Tarrach e Nimzovitch, por inversão de lances); 5. g3, 0-0; 6. Bg2, Cd7; 7. b3 (lógico seria o roque); 7... c6; (jogo passivo. 7... c5 é mais incisivo); 8. 0-0, Te8; 9. Bb2, Bd6 (as pretas preparam o lance libertador e6-c5...); 10. Cd2 (... que as brancas evitam momentaneamente) 10... Be7; 11. e4, dxc4; 12. Cdx4, e5; 13. d5,

(Continua na página 15)



Campeonatos suecos em Estocolmo

O campeão mundial em argolas, Yvar Johansson, abre o desfile dos atletas conduzindo a bandeira sueca

DUAS NOTAS POR SEMANA

EM PORTUGAL

TODAS as atenções dos desportistas portugueses convergem neste momento para o jogo que no próximo domingo a equipa nacional de futebol vai disputar aos representantes da Espanha, na pitoresca cidade da Corunha.

Depois do empate alcançado no Estádio Nacional, que foi motivo de contentamento, mas em boa verdade a quasi ninguém salisfez, esta segunda e muito mais difícil prova de exame preocupa sem dúvida a opinião pública, que perdeu aquêle perigoso optimismo de Março passado, mas conserva a serena confiança nos acontecimentos, segura como está de que tudo se conjugou no sentido de assegurar as melhores condições intrínsecas e extrínsecas à nossa representação.

A tarefa é difícil, mas não a devemos considerar superior aos recursos de que dispomos. São desta vez maiores as responsabilidades espanholas do que as nossas, porque poderemos sempre alegar o pretexto de jogar em terra alheia, e o grupo nacional apresenta-se apetrechado com a experiência da primeira surtida, sabendo portanto evitar aquêles erros que então lhe impediram talvez a vitória — que na opinião geral esteve ao seu alcance.

É de espectral a hora presente — mas não deve ser de inquietação nem de dúvida. Mesmo perdendo, a equipa portuguesa pode e deve regressar engrandecida da sua visita à Galiza.

NO ESTRANGEIRO

O desporto europeu, embora nos próprios países beligerantes mantivesse uma actividade simbólica até nos momentos mais criticos, sofre há anos os prejuizos da conflagração que incendiou o Mundo; desviaram-se os atletas para outros terrenos de competição, tornou-se impossível a camaradagem universal que o contacto desportivo estabelecia entre as juventudes de todas as nações e, a somar a tantas dificuldades, quantos terão sido os campos e instalações destruidos pela metralha nos assolados territórios da Europa.

A luta implacável travada trouxe-nos à lembrança qual terá sido o destino do Estádio Olímpico de 1936 e do magnifico Reichsportfeld onde estava incluído.

Ali ecoaram, em promessa solene, palavras de amor entre os povos e de paz entre os homens; ali palpitarão em mastros de honra, irmanadas, as bandeiras de todas as nações cujos representantes conquistaram os louros de vitórias construtivas. Agora, por ali atroam canhões que destroem cegamente o que, sem olhar a sacrificios, fora edificado em homenagem à mystica fraternal do desporto. Apagaram-se os ecos das aclamações pacíficas da multidão entusiasmada — mas a hora sagrada da Paz há-de voltar para a humanidade e então, como sempre, o desporto voltará a retribuir juventudes, fazendo o inimigo de hoje de novo camarada.

CONCLUÍDAS as meias-finais do torneio da categoria de honra da Associação de Xadrez do Sul e apurados os dez jogadores que a constituem, não podemos deixar de focar o pouco interesse verificado nesta fase da competição. A menor homogeneidade das forças concorrentes e o reduzido ambiente de expectativa, a par de algumas desistências, concorreram para aquêl factos.

Achamos que é tempo de tomar providências para pôr cõbo no abuso das desistências, que não contribuem de forma alguma para o prestígio do xadrez e prejudicam os outros jogadores — até mesmo os que, embora de menor classe, revelam outro espirito e maior interesse.

Verifica-se que o sistema de eliminatórias é fallvel quando não há boa distribuição de forças pelas séries. Se o elevado número de inscritos não permitia outro recurso para a disputa do torneio, parece-nos que seria critério de aplaudir, para salvar ao menos o interesse da competição, substituir os desistentes por outros xadrezistas cujas provas garantissem poderem figurar ao lado dos apurados.

Esta é a opinião autorizada de muitas pessoas — já que a nossa poderia parecer suspeita, visto termos estado incluídos no número dos interessados no caso. Mas é incontestável que as entidades directivas agiram dentro de uma rigidez de princípios que, sem prejuizo para o Xadrez, segundo cremos, poderão ser revistos e actualizados.

Esta fase do torneio foi disputada em duas séries de oito jogadores, a apurar cinco, e forneceu o resultado seguinte:

Série A: — 1.º Eng. Nandim de Carvalho, 6 pontos; 2.º José Maria Dóres, 5,5; 3.º M. Antunes, 5; 4.º Eng. Humberto Reis, 4,5; 5.º A. Dias, 4; 6.º J. Castello Branco, 3; 7.º (ex-aequo) Carlos M. Costa e A. Serra, 0 pontos. **Série B:** — 1.º Rui Nascimento, 6 pontos; 2.º F. Lasvignes, 5,5; 3.º eng. Rodrigues Silva, 5; 4.º H. Saldinha, 4,5; 5.º M. Esteves, 4; 6.º F. Alcaide, 2; 7.º C. Pistone, 1; 8.º M. Faisca, 0 pontos.

A luta que se travou em ambas as séries foi equiparável, sendo notório o à-vontade com que se disputaram os jogos. Nandim de Carvalho e Rui Nascimento triunfaram com justiça. Lasvignes teve comportamento meritório, revelando progressos nítidos. Dóres também deu provas de grande regularidade, bem como Rodrigues da Silva e Manuel Antunes. Humberto Reis melhorou em relação às eliminatórias, mas tem recursos para melhor quando estiver mais bem familiarizado com o jogo de competição.

De Helder Saldinha, a revelação do I. S. Técnico, esperavamos mais, embora confirmasse as provas prestadas, Manuel Esteves e A. Dias estiveram dentro das suas possibilidades, ao passo que Alcaide mostrou não estar preparado para competições da envergadura desta. Pistone desistiu antes do fim da prova e Castello Branco apenas pôde jogar uma partida.

TAVARES DA SILVA

fala à "sua" STADIUM, saudando por intermédio da nossa revista os desportistas portugueses

A escolha do nosso estimado camarada Tavares da Silva para o cargo de seleccionador nacional de futebol foi bem recebida por todo o meio desportivo português.

O momento difícil que o levou a esse cargo — soube-o vencer magnificamente. Justo, portanto, a confiança que todos nele depositaram. Agora, um pouco de sorte — e o triunfo poderá ser completo...

Tavares da Silva concedeu-nos algumas palavras. Depois do último treino, já no Estoril, perguntámos-lhe:

- Está satisfeito com a selecção?
- ... e confiante!
- Se tivesse tido mais tempo para formar o grupo nacional incluiria outros nomes?
- Pode ser que não. Ou talvez... No entanto, neste espaço de tempo, é quanto a mim a melhor.
- Continua com esperanças num bom resultado?
- Venceremos. Depois deste período de seleccionador já tenho uma certeza: a de que só muito dificilmente poderemos perder este desafio na Corunha.
- Solicitámos depois a Tavares da Silva algumas palavras dedicadas aos desportistas portugueses:
- Na hora da partida, e dado o excelente convívio do Estoril — tudo são esperanças.
- Tenho recebido inúmeras cartas sobre o «team» nacional, e sua constituição, assim como muitas sugestões.
- Coisas interessantes: a maior parte dessas pessoas concorda com o que se tem feito — e ainda com os nomes apontados.
- Por outro lado, há um estado colectivo de confiança.
- Pois bem... Tudo indica que se jogue bem, isto é, que se demonstre em Riazor que os jogadores portugueses... sabem jogar a bola!
- E termina com uma saudação:
- A selecção portuguesa despede-se afectuosamente do público desportivo, na certeza de que procurará honrar o futebol e a ideia desportiva!
- Tavares da Silva, rodeado pelos seus seleccionados, deixasseis amizade que conquistou, veio nessa tarde de domingo para Lisboa, fugindo um pouco ao ambiente estorilense. Foram aos toiros e reuniram-se, depois, num jantar íntimo.
- Abraçamo-lo, com os nossos bons votos de felicidades.



O sr. director geral de desportos, com os dirigentes federativos e os jogadores, fotografados para a Stadium



O sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro acompanha os seleccionados no seu jantar



QUATRO HORAS NO ESTORIL com a Selecção Nacional de Futebol

O ano desportivo ficará assinalado especialmente com os XV e XVI Portugal-Espanha em futebol. Se os encontros entre os futebolistas dos dois países mereceram sempre a entusiástica atenção dos desportistas portugueses, nunca como agora, em que se retomou o fio destas lutas desportivas, e acontecimento apareceu rodeado de tanto interesse e entusiasmo. Depois, os desafios de futebol entre Portugal e a Espanha disputados este ano assentaram em duas bases de primordial importância: a inauguração do nosso Estádio Nacional e a afirmação segura do futebol dos nossos dias, talhado em beleza, fino de passes, qualquer coisa de novo na orgânica do smotivo jogo da bola. Joga-se melhor ou pior? A questão fica para os intervalos dos jogos... No entanto, vozes autorizadas afirmam que se joga muito e bem — mas de outra maneira...

Não há, porém, a poucos dias de nova pugna de futebol entre portugueses e espanhóis, espírito sossegado para pôr a questão. Há que concentrar-nos em mais estas emocionante jornada do futebol nacional. Está nos olhos de todos o lindo dia que vivemos recentemente no Estádio Nacional — e o pensamento salta já para outro quadro de beleza que em terras da Galiza vai expôr-se. A inauguração do Estádio de Riazor, na Corunha, terá a colaboração do desporto português, como da mesma maneira foi chamado até nós o «team» representativo da nação vizinha para colaborar connosco naquela magnífica tarde de desporto levada a efeito no Vale do Jamor. Portugal estará dignamente representado nessa festa do desporto, em 6 de Maio, na Corunha!

O leitor tem seguido, sem dúvida, todos os pormenores dos preparativos da selecção dos jogadores de futebol portugueses, com vista ao jogo da Corunha. Também traçou, certamente, o «seu onze nacional» — e sentiu por momentos a pesada responsabilidade de formar o «team» português... Argumentou consigo próprio, pôs as suas ideias de seleccionador; mas ao fim e ao cabo tem, como nós, inteira confiança nesse grupo voluntarioso que Tavares da Silva soube reunir à sua volta em meia dúzia de dias.

O ambiente do estádio no Estoril, tal como o sentimos, é optimo para a necessária formação do espírito de equipa. Repouso, ginástica, treinos — e o pensamento sempre em La Corunha, desejo os de revitalizarem as suas esperanças...

— Venceremos — disseram-nos, formando opinião única. Nenhum dos dezasseis com quem estivemos deixou de patentear a certeza no triunfo. Até o próprio seleccionador nos garantiu a vitória. Quando lhe perguntámos em que filava essa opinião, disse-nos, com o seu habitual espírito: — É cá uma «fésada»!... Estivemos um fim de tarde e um bocadinho da noite junto da selecção nacional. Acompanhámo-la no seu jantar, palestramos, depois, no «hall» do hotel, onde a permanente boa disposição e a «laracha» oportuna dos «rapazes» insuflou de «ar» diferente o ambiente cosmopolita habitual. Nessa tarde houve convidados de honra ao jantar. O sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, illustre director geral de Desportos, o dr. Bento Coelho da Rocha, presidente da Federação de Futebol, e Faccó Viana, director do mesmo organismo desportivo, e o redactor da Stadium.

O sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, conquistando com a amabilidade do seu trato a simpatia de todos, pôs uma nota de agradável intimidade no jantar desse dia. Por isso foi possível apreciar mais em pormenor a camaradagem e os propositos que ligam os seleccionadores nacionais de futebol. Desde a oferta de um charuto feita por Peyroteo a Tavares da Silva, as amigáveis dissertações de Quaresma, sobre os seus pombos correios, ao colóquio constante entre Espírito Santo e Francisco Ferreira, às «pláticas» de Manuel Marques e ao «propósito» de Cardoso, não esquecendo as suas dividas de «capitão», todo o decorrer do jantar foi um seguro aspecto da presença de espírito que há-de acompanhar a nossa equipa até o regresso da Corunha. Houve três brindes, três frases simpáticas, pronunciadas em voz baixa, vincando bem a intimidade que rodeia esta selecção de jogadores portugueses. O sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro desejou felicidades pessoais e do encontro; o dr. Bento da Rocha vincou a esperança do bom resultado que os jogadores traço da Corunha; e Tavares da Silva garantiu que a «rapastada», além de tudo, está com optimo pontapé... Consequentemente, um brinde dos srs. director geral de Desportos e presidente da Federação a Tavares da Silva, desejando-lhe felicidade e êxito, ao maçagista Manuel Marques, e ao redactor da Stadium, como brinde extensivo a toda a imprensa, pelo entusiasmo com que tem acompanhado a selecção. O resto dessa noite, até à hora de recolher cada um aos seus aposentos, foi gasta em animada palestra. Um grupo com o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, dr. Coelho da Rocha, Virgílio Paula, Vicente de Melo e Faccó Viana, da Federação de Futebol, Tavares da Silva, dr. Mesquita Guimarães e professor Luis Adão. Os outros grupos formaram-nos os jogadores, em alegre conversação.

A impressão do sr. Director Geral dos Desportos

Antes de abandonar o hotel, o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro concedeu-nos algumas palavras. Acerca da impressão que lhe causara esta visita à equipa em estádio.

— Impressionou-me muito agradavelmente esta visita. O aspecto e as maneiras dos seleccionados agradaram-me sobremaneira. Boa presença e sobretudo ambiente de camaradagem, que me satisfaz plenamente. Vejo que está conseguido, no grupo representativo de Portugal, o pormenor mais importante: unidade de equipa. Quanto ao jogo — seu resultado, porque sobre comportamento tenho confiança nos seleccionados — nada se pode dizer. O desenrolar do encontro o ditará, com todas as contingências naturais de um desafio de futebol.

Quando nessa noite deixámos o Estoril, mergulhado no sossego dos seus parques, trazíamos connosco a certeza de que estávamos a poucos dias de vista de mais uma linda jornada do futebol nacional.



O fotógrafo surpreendeu a «tertulia» neste clichê. Só o dr. Vicente de Melo e Peyroteo surpreenderam o fotógrafo...



Que sairá deste colóquio entre o seleccionador e Feliciano?...



1



5



Nas outras fotografias:

- 1 — Peyroteo assina a documentação necessária para a viagem à Suíça; 2, 3, 4 e 5 — Instantâneos colhidos nos dois treinos efectuados no Estádio Nacional, nas quais o leitor reconhecerá alguns dos mais populares «cases» da bola; 6 — Tavares da Silva fala para a Stadium; 7 — Os jornalistas «apertam» o seleccionador com perguntas: E os «backs»? — Posso garantir que... dos três alinharão dois!...



Alfredo Alinho mantém-se à frente da classificação, em segundas categorias

EM meio de entusiasmo crescente, prossegue a disputa dos campeonatos de bilhar, de partida livre, em 2.^{as}, 3.^{as}, 4.^{as} e 5.^{as} categorias. No das 2.^{as} se concentra, naturalmente, a atenção do público aficionado, que tem concorrido às sessões em número relativamente grande.

Continua a notar-se, sem surpresa, aliás, que o rendimento dos jogadores, em confronto com o que habitualmente atingem em partidas de recreio, baixa consideravelmente. Álvaro de Oliveira, ainda o campeão da categoria, é, nesse particular, o concorrente mais em evidência, pois não conseguiu ainda revelar a medida dos seus grandes méritos de seriador. Como já se acentuou anteriormente, reduzir esse desnível de produção é uma das principais finalidades da organização dos torneios decorrentes, pois tende a criar nos nossos bilharistas a adaptação aos ambientes de campeonato.

Damos, a seguir, os quadros da classificação geral dos concorrentes de 2.^{as} categorias, das médias gerais e das maiores séries por eles realizadas. Todos os quadros são referidos ao último dia 28 (sábado).

Classificação geral

	J.	V.	E.	D.	P.
Alfredo Alinho	4	4	—	—	12
Dr. Lourenço Gago	4	2	—	2	8
Salvador Azancot	4	2	—	2	8
Dr. F. Branquinho	3	2	—	1	7
Marciano Alves	3	2	—	1	7
David Reys e Sousa	3	1	—	2	5
Raúl Vidal	3	1	—	2	5
Álvaro de Oliveira	4	—	—	—	4

Médias gerais

Alfredo Alinho	29,629	— 4	partidas
Dr. F. Branquinho	30,386	— 5	»
Dr. Lourenço Gago	9,051	— 4	»
Salvador Azancot	8,496	— 4	»
Marciano Alves	7,913	— 3	»
David Reys e Sousa	7,352	— 3	»
Raúl Vidal	7,510	— 3	»
Álvaro de Oliveira	5,074	— 4	»

Maiores séries realizadas pelos concorrentes, em cada uma das partidas, em que participaram

Alfredo Alinho	351, 217, 160 e 120
Dr. F. Branquinho	175, 122 e 87
Dr. Lourenço Gago	154, 99, 76 e 42
Marciano Alves	155, 94 e 28
Raúl Vidal	117, 116 e 11
Álvaro de Oliveira	116, 47, 34 e 26
Salvador Azancot	103, 82, 64 e 20
David Reys e Sousa	95, 53 e 17

Classificaram-se para as poucas finais os torneios de 3.^{as} e 4.^{as} categorias dos seguintes jogadores: Em 3.^{as}—Américo Torres, dr. Ilídio Amado, Carlos Amorim, Emídio Quelhas, Arlindo Marêdo de Carvalho e António Brito. Em 4.^{as}—Manuel Pereira, Vasco Albuquerque, Emanuel B. Câmara, Raúl Martins, Delfim Mendes e Júlio Carreiro.

Quanto pesam os nossos jogadores de Futebol?

NO mensário VER E CRER, extraordinária revelação do meio editorial português, que vem dar satisfação a uma antiga e compreensível ansiedade do nosso público, encontrará o desportista a pormenorizada resposta àquela pergunta. E encontrará, também, artigos de algumas das mais escolhidas personalidades portuguesas, sobre todos os ramos de conhecimento. 128 páginas por 5 escudos! Por 5 escudos, leitura para um mês!

A V VOLTA A ESPANHA em bicicleta

BARREIRA DE SOL

Algumas informações curiosas

NO próximo dia 10, uma equipa de seis estradistas portugueses alinhará em Madrid para começar a disputar a «V Volta a Espanha», a importante competição ciclista do país vizinho, que terá pela primeira vez a participação de corredores lusitanos. Tem assim, desta feita, interesse particular para os desportistas de Portugal a difícil prova que o jornal «Informaciones» criou em 1935 e que o diário «Ya» vai reeditar, após sete anos de interrupção. Interesse porque vai finalmente ser satisfeito o desejo, há muito acalentado pelos nossos estradistas, de participarem numa corrida, por etapas, com caracter e valor internacional, e ainda porque, depois do fracasso do Madrid-Lisboa, por um lado, e da brilhante figura feita em Espanha pelo quarteto Lourenço—Lopes—Raposo—Martins, todos desejam saber quais são as actuais possibilidades dos nossos atletas, em luta com elementos que actuando em conjunto possuem prática e saber que muito os valoriza.

Uma grande competição

Apesar de largamente divulgadas entre nós as peripécias das quatro voltas antecedentes—ganhas as duas primeiras pelo belga Gustavo Deloor e as restantes pelo espanhol Berrendero—o público pouco conhece dos regulamentos técnicos que regem provas de tal envergadura. Embora aparentemente idênticas às das nossas «voltas», as regras da corrida do «Ya» contém matéria muito singular, a qual, tendo por fim impedir abusos e cercar a tendência das grandes equipas de vencer segundo a norma eum por todos e todos por um», vai certamente tornar bastante ardua a tarefa dos nossos ciclistas.

Análise os leitores como terão os estradistas portugueses de disputar as 19 etapas da «V Volta a Espanha», nada menos de 3708 quilómetros, a cobrir em 18 dias.

Disciplina rigorosa

Têm de responder a uma chamada preliminar feita meia hora antes da partida, sob pena de multa, e são obrigados assinar, á chegada, um boletim de fiscalização.

Nas provas contra-relógio, individuais ou por equipas, se seguirem «colados» aos adversários serão relegados para o último lugar na classificação da etapa.

Nos postos de abastecimento terão de recolher a alimentação apeados e cada corredor só poderá receber os seus próprios alimentos.

Nos percursos onde existem encruzilhadas, pelas quais se possa atalhar caminho, será obrigatório assinar boletins de passagem.

A cedência recíproca de material é permitida, mas de maneira que o corredor que o cede não fique impossibilitado de prosseguir na prova imediatamente. Quere dizer: pode emprestar-se tudo—menos as rodas ou a bicicleta...

É proibido receber apoio de qualquer veículo estranho à pro-

va, mesmo parado, ou de pessoas que se façam transportar noutros, embora estejam apeadas.

As bicicletas são seladas mas podem trocar-se, em caso de avaria irreparável, por outra da organização ou de um ciclista que ocasionalmente esteja na estrada.

Não é permitido recortar os números de pano nem os de chapa, fixados nas bicicletas e o corredor tem de partir para as etapas levando dois «boux» sobresselentes.

Será castigado quem transportar recipientes de vidro ou quem lançar para a estrada quaisquer objectos, mesmo que sejam propriedade dos delinquentes. Quere dizer que os corredores, no final das etapas, não podem alijar carga...

Os empurrões—tão frequentes á chegada, para ajudar companheiros menos velozes—e os puxões pela camisola, para impedir uma boa embalagem final, são faltas que merecem exemplar castigo. E se houver colagem atrás de um veículo, então a penalidade aumenta: relegado para último, na tirado, ou exclusão da corrida.

A corrida é dura

Se a orgânica da Volta torna esta difícil, athleticamente as dificuldades não são menores. Os corredores tem de cobrir 8 etapas com mais de 100 quilómetros. 9 superiores a 200 e 1 com 306. Apenas a etapa contra-relógio Badajoz—Almendralejo tem só 57 quilómetros.

Rampas de elevada percentagem de inclinação—género Penhas Douradas ou Serra da Louzã—há nada menos que 13. E para tornar ainda mais «complicada» a subida, em todas elas haverá classificações especiais para o «Prémio da Montanha». O que serão estas rampas pode avaliar-se pelo facto dos espanhóis, e de certo os portugueses, necessitarem, para as preparar, de carretos com 24, 25 e mesmo 26 dentes...

Para amenizar

Mas nem tudo são espinhos. Os corredores terão nos massagistas auxiliares de grande valia. A estes compete cuidar-lhes dos músculos, das feridas e do estomago, porque são os massagistas quem prepara os bornais e os bidões.

Na «Volta» os estradistas não têm delegados, porque em Espanha não se usa disso. Qualquer reclamação, confidência ou ideia a transmitir aos organizadores, serão ainda os massagistas que de tal se incumbem...

Quanto ao material de corridas—bicicleta, rodas, etc.—o mecânico tratará de tudo, inclusive de não permitir que uma só máquina seja arrumada nos quartos dos corredores. Os hoteleiros espanhóis, ciosos da ordem e asseio dos seus imóveis, não consentem que os corredores façam garagem dos aposentos, prestando-se a ceder aos organizadores local próprio, onde serão arrumadas, reparadas e guardadas, por grupos, as montadas dos 60 «cavaleiros» da «Volta».

Avaiem o que será a prova que começa de amanhã a oito dias e

Campo Pequeno—28 de Abril

VERIFICOU-SE mais uma vez que a «eficção» lisboeta não se importe de pagar caro quando os cartazes lhe oferecem boas perspectivas. O Campo Pequeno registou a sua primeira enchente de 1945.

Oito toiros do escrupuloso ganadero Pinto Barreiros, belos exemplares, de impecável apresentação. Os quatro da primeira parte, nobres, suaves, *pastueños*, verdadeiros tipos do toiro ideal para a lide, tal como a concebem e exigem os públicos de hoje. Os da segunda parte, um pouco mais incertos e nervosos, não apresentavam dificuldades para quem lhes quizesse e soubesse pisar o terreno.

Fermin Espinosa, *Armillita*, primeira figura indiscutível, que há anos sustentou séria competência com Domingo Ortega, então no apogeu das suas façanhas, confirmou a opinião que há muito formulámos a seu respeito: um toureiro larguíssimo e dos maiores dominadores de todos os tempos, com um único senão, que é a falta de personalidade. No seu primeiro cumpriu airoosamente com capote, bandarilhas e muleta, mas podia ter feito mais, sobretudo no último «tercio». Tinha toiro para estar ainda a estas horas a desfolhar o seu vastíssimo repertório. Ao 6.º da tarde, que chegou um pouco incerto á muleta, ministrou uma «faena» séria e sóbria, de domínio, a nosso ver o melhor do seu trabalho. Muito justa a ovação que o público prodigalizou a seu irmão, o veterano Juan Espinosa, pela colocação de dois soberbos pares de bandarilhas com o seu velho estilo, perfeito e emocionante.

Fermin Rivera, outro mexicano conhecido e apreciado pelo nosso público, deu a nota de «eficção» e do brio profissional: toureou bem de capote, bandarilhou com alegria e facilidade, e exibiu um repertório de muleta de toureiro grande. As duas «faenas» que em vários tempos ministrou aos seus dois inimigos podem ficar registadas como memoráveis. Sobreros «parones», naturais perfeitíssimos, «derechos» de impecável execução, correndo a mão com admirável suavidade, mandando e ligando bem. Iniciou ambas as «faenas» com estatúrios ajudados por allo, de puro estilo «manoleño».

O sevillhano Manolo Martín Vasquez não esteve feliz—e não encontramos desculpa para o seu fracasso, porque lhe tocaram dois toiros sem dificuldades de maior.

Simão da Veiga infeliz na sua apresentação, um tanto tardia, como toureiro de pé. O público aplaudiu a vontade com que procurou, a seu estilo, tourear a cavalo o 6.º da tarde, sem lograr o seu intento.

J. E.

onde vão correr Eduardo Lopes, João Lourenço, Jorge Pereira, João Rebelo, Império dos Santos, Júlio Mourão, Túlio Pereira e Francisco Inácio. Será uma competição em que conclui-la é já tarefa de tomo. Por isso, se os rapazes de Portugal nela se evidenciarem é caso para o ciclismo nacional ficar de parabens.

A Figura da Semana

MANUEL LOPES DOS SANTOS

É das figuras mais representativas do desporto norlenho. A sua actividade, quer como praticante, quer como dirigente, garante em absoluto esta afirmação.

Manuel dos Santos, sócio n.º 18 do Vilanovense F. C., a que pertence há 20 anos, praticou e pratica ainda as seguintes modalidades: futebol—durante quatro anos nas 3.ª e 2.ª categorias; «handball»; no grupo de honra do Vilanovense, de que era o capitão, e nos bons tempos em que a modalidade tinha na vila de Gaia larga actividade; atletismo: corredor de velocidade e lançador. Durante cinco anos concorreu a todos os torneios particulares e oficiais. Fez parte da selecção de Gaia que enfrentou a da Anadia; basketball, sempre representando o «seu» Vilanovense, concorreu durante 3 épocas aos campeonatos regionais; lénis: tem tomado parte em torneios particulares e continua a praticar a modalidade, embora sem objectivos de competição. Propositadamente deixou para o fim o «hockey» em campo, modalidade em que se distinguiu mais: Manuel dos Santos pôde ser considerado como dos pioneiros do «hockey» norlenho—que o foi na verdade! Fez parte do grupo do Vilanovense que introduziu a modalidade no Norte, grupo que também foi o primeiro, de todos os portugueses, a jogar em Lisboa, com o Hockey Clube de Portugal, em 1929.

Manuel dos Santos há portanto 17 anos consecutivos que pratica este desporto, no qual tem sido tudo: director da Associação, delegado, árbitro, «capitão» do grupo, chefe de secção e sobretudo praticante de incontestável valor.

Falámos da sua actividade como praticante. Vejamos agora a do dirigente: presidente da direcção da Associação de Handball do Pôrto; presidente da assembleia geral da Associação de Volley, secretário da assembleia geral das associações de Basket, Futebol e Hockey em campo—desta última também foi director-secretário.

Dado o seu prestígio, tem servido várias vezes de inquiridor e de delegado a jogos.

Actualmente, devido às suas ocupações profissionais, limita-se a praticar o «hockey» no grupo de honra do Vilanovense e a servir de delegado do mesmo clube junto das associações de Hockey e de Handball.

Perante este magnífico historial, que põe em relevo o admirável espírito desportivo de Manuel Lopes dos Santos, as palavras já



Stadium na Capital do Norte

SERENAMENTE

NÃO mencionávamos comentar os lamentáveis factos acontecidos no Estádio do Lima, por ocasião do encontro entre o F. C. do Pôrto e o Sporting. E linhamos tomado esse resolução porque entendíamos que tudo quanto se pudesse escrever sobre o caso só poderia criar atritos entre duas colectividades que em nada—absolutamente nada!—concorreram para o que de muito grave ali se passou.

Como primeira afirmação, deixemos exarado que a amizade existente entre Sporting e F. C. do Pôrto em nada ficou diminuída; os seus atletas foram estranhos ao desenrolar dos acontecimentos.

Passemos, igualmente, por cima da acção do dirigente da partida. Contas, lê-las-á de prestar a quem de direito, e, quanto mais não seja, à sua consciência.

Há, porém, um pormenor que reputamos de acuidade excepcional, ao qual parte da imprensa da capital deu relevo forte e que deve ser pôsto nos termos devidos, para que se faça justiça a quem a merece.

Afirmou-se que as autoridades foram impotentes para manter a ordem e que o campo havia sido invadido diversas vezes. Pôsto isto assim, sem explicações, dá a impressão de que as autoridades cruzaram os braços e deixaram agir o público como quis e lhe pareceu. Nada mais injusto!

A polícia do Pôrto usou, neste aspecto lamentável da reacção popular, de um critério que só depõe em seu favor. Em vez de «provocar o desordem»—talvez o que teria

sido pretendido por tantos!—agindo em fôça sobre a assistência, teve antes o cuidado de deixar que os ânimos se exteriorizassem por palavras e... almoçadas—nova espécie de válvula de segurança, por onde se escoou, a pouco e pouco, a irritação popular—«mantendo a ordem», isto é, impedindo com energia a entrada no campo de quem quer que fosse. Isso sim, foi defendido pela polícia com firmeza, mesmo sem que a intervenção tivesse sido pedida pelo árbitro. Haja em conta o caso do massagista do F. C. do Pôrto, Gonçalves, a quem a polícia expulsou do terreno. Dequi se infere que as autoridades procederam como deviam. Quanto ao vozear e às almoçadas, que fazer?

A Polícia do Pôrto só merece elogios pela sua conduta, pela compreensão do momento. Porque, se assim não fosse, o caso teria sido muito pior.

Lembrem-se, aquêles que estiveram no Lima até ao fim, da forma como foi custodiado o árbitro até ao balneário, resguardado pelos chefes da polícia em serviço e por um dirigente do F. C. do Pôrto.

Então, quando o árbitro estava a salvo e que as pedras choveram, a a polícia usou da força para dominar o grupo de exaltados que se juntaram no topo sul. E podem ter a certeza que parte dos apredreadores nem sequer tinha presenciado o encontro: umas dezenas de rapazolas que lá entraram, depois das portas abertas para a saída do público, é que foram os principais autores de proeza.

M. A.

De oito em oito dias

Um gesto

O Sport Progresso, colectividade que está procurando resolver a importante crise da falta de um campo de jogos—uma vez desaposado do velho campo do Amial—tem feito todas as gestões possíveis para o êxito da sua pretensão.

Ultimamente dirigiu-se à imprensa e aos clubes congêneres, solicitando o seu apoio. A resposta dada pelo Sporting Clube Coimbrões—colectividade que já passou pelo mesmo percalço, e que sabe, portanto, as dificuldades e arrelhas que motivam a falta de um terreno de jogos—é daquelas que merecem ser destacadas: o Coimbrões não só se coloca ao seu dispor para qualquer organização, como promete ainda auxílio financeiro, «dentro das poucas possibilidades dos clubes».

Este gesto, altamente dignificante, de verdadeira nobreza desportiva, deve ficar assinalado nos anais do desporto norlenho.

São acções como estas que de-

se tornam inúteis, porque não conseguiriam dar o justo colorido de tão valorosa actividade.

O desporto norlenho e o «seu» Vilanovense devem-lhe muito!

finem os homens e marcam a posição de um clube.

Quem corresponde mais ao apêlo do Progresso?

O Pôrto-Galiza e o Pôrto-Astúrias, em futebol

Têm vindo a lume, na imprensa desta cidade, várias notícias sobre a realização dos jogos inter-selecções do Pôrto e Galiza e Astúrias.

Quando ao primeiro, não obstante ter-se até mencionado datas, continua de pé a informação que Stadium deu em primeira mão: o jogo Pôrto-Galiza não se efectua por falta de autorização da Delegação Nacional de Desportos, de Espanha, baseada, possivelmente, na falta de condições de êxito desportivo, dadas as fracas exhibições feitas pelos clubes galegos nos Campeonatos das Ligas.

Sobre os jogos Pôrto-Astúrias, que nós demos como quasi certos, também segundo as nossas informações devem estar periclitantes, em consequência da posição assumida por um importante clube espanhol na «Taça do Generalíssimo». Esse clube, que deve fornecer boa porção de elementos para a constituição do conjunto, tem ainda de efectuar, no fim do mês

(Continua na página 17)

HANDBALL

Casos extraordinários... — Para quê lutas estereis? — Boa comunhão a imitar

«Handball» portuense tem sido fértil esta época em «casos extraordinários». A juntar aos já conhecidos, temos agora mais dois, de certo efeito: os do Salgueiros e do Fontainhas.

Quando ao primeiro, trata-se da inscrição irregular de um jogador, cujo processo, organizado pela Associação portuense e devidamente controlado pela Direcção Geral, mas moroso pela fragilidade do assunto, teve já o despacho da enlidade suprema; entre outras particularidades, o Salgueiros é considerado como derrotado nos jogos em que alinhou o tal jogador. Isto corresponde, consequentemente, à última classificação.

A fantasia de alguns «derrolistas», cujas intenções são sobejamente conhecidas, chegou a admitir que essas derrotas fossem consideradas como jaltas de comperência, isto é, sem a marcação de quaisquer pontos. Critério errado. Se o jogo se realizou, embora tomando parte nêle um homem cuja inscrição era irregular, logicamente não podia considerar-se a derrota sob o aspecto da não comperência, pois a julgar-se assim cairíamos no ridículo.

Ninguém, além do próprio clube, pode lamentar a morosidade do inquerito, pois tratando-se de um caso que, a admitir-se, acarretaria tantas derrotas quantos os jogos em que o citado elemento teve comperência, a prudência aconselhava evitar a sua inclusão no grupo.

Quando ao segundo caso, refere-se à proibição da actividade desportiva do Fontainhas, por ordem das autoridades. Abstemo-nos de comentários. Frisamos apenas que esta resolução evitou que o Salgueiros baixasse, automaticamente,

(Continua na pág. 17)

Manuel Neto



Componente da equipa de espada do Sport Clube do Pôrto, que tem obtido boas classificações em provas disputadas no Norte e em alguns dos torneios oficiais da F. P. E. efectuados em Lisboa



A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA

O «DIA DO BENFICA» no Barreiro

Em baixo: O sr. presidente do Município do Barreiro profere a sua saudação; as ciclo-turistas do Benfica à chegada



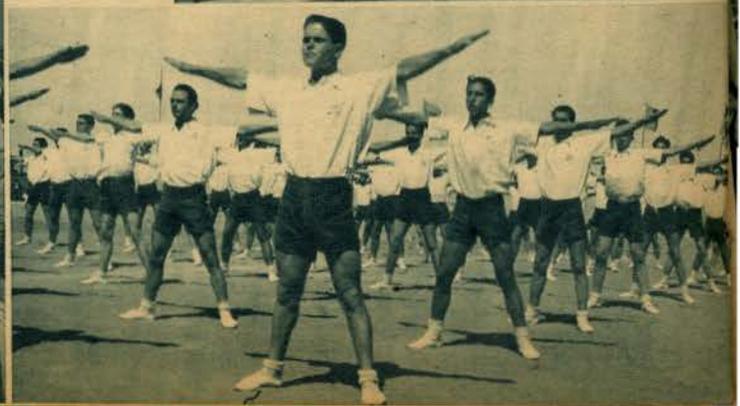
HANDBALL: 1 — Fase do encontro disputado entre o Sporting e o Estoril. No «MARE NOSTRUM»: 2 — Na entrega de prémios das provas organizadas pelo activo C. N. «Mare Nostrum», o sr. visconde de Almeida Garrett entrega a Fernando Citanas a taça *Stadium*, oferecida pela nossa revista. **NATAÇÃO:** 3 — Os concorrentes às provas do Nacional de Natação. **CICLISMO:** 4 — Arnato Braz, vencedor dos 30 quilómetros contra-relógio para iniciados



4 O ANI- VERSÁRIO do

G. D. da CUF do Barreiro

Ao lado: O sr. director geral de Desportos assistindo ao festival realizado. Em baixo: as gymnastas numa das suas demonstrações



CAMPEONATOS REGIONAIS UNIVERSITÁRIOS



EQUIPAS VENCEDORAS: 1 — Basketball (Lisboa); 2 — Florète (Lisboa); 3 — Sabre (Lisboa); 4 —



Espada (Lisboa, à direita; à esquerda, Porto, finalista); 5 — Handball (Porto); 6 — "Tennis", de mesa (Lisboa, à direita; à esquerda, Coimbra, finalista); 7 — Tiro reduzido (Lisboa); 8 — Volleyball (Lisboa); 9 — Remo (Lisboa).



Desportos de bola

HANDBALL

No período mais activo

ESTÃO terminados os campeonatos regionais de Lisboa e Pôrto e, no entanto, nenhum dos campeões é conhecido, pois em ambos os torneios houve empate para o primeiro lugar.

Em Lisboa, o Sporting e o Desportivo da «Cuf» devem resolver o seu pleito no próximo dia 13, salvo o caso improvável dos «cufistas» não vencerem o jogo que lhes falta, contra o Estoril, e que a Associação marcou para domingo.

Na capital do Norte, o Futebol Clube do Pôrto e o Estréla e Vigorosa também terão que jogar de novo, conforme foi superiormente decidido e de acordo com a interpretação apresentada pela Federação aos regulamentos da Regional.

São estes quatro clubes os concorrentes ao campeonato nacional, cujo início foi marcado para o dia 20 de Maio, em fórmula nova e de muito maior interesse. A prova vai ser este ano disputada em «poules», em duas voltas, com classificação por soma de pontos; teremos pois seis jornadas de dois jogos, sempre um em cada cidade.

Feito o sorteio, estabeleceu-se o programa de abertura com a visita do Futebol Clube do Pôrto ao Sporting e da «Cuf» ao Vigorosa.

A reunião promovida pela Federação para estabelecer as bases do seu campeonato foi presidida pelo inspector da modalidade, dr. Salazar Carreira, que é simultaneamente presidente do congresso da entidade federativa, e a ela assistiram os presidentes da federação e das duas associações, outros dirigentes do organismo máximo e os representantes dos quatro clubes concorrentes. Digno de registo o desportivismo geral com que foi estudado o problema, mostrando os dirigentes plena abstracção de interesses perante as conveniências comuns.

A actividade lisboeta, na sua fase mais animada, prosseguiu ainda com o torneio de apuramento das divisões, no qual o Marvilense tem mantido comportamento de realce, batendo todos os adversários, o último dos quais, o Benfica, que seguia a seu par na pontuação, sofreu a pesada derrota de 6-1.

O campeonato de juniores, que reuniu seis participantes, decorre promissoramente e ao cabo de três jornadas só o Sporting não conheceu ainda a amargura da derrota, bem lançado portanto para conservar o título que há um ano conquistou com grande brilhantismo.

RUGBY

O campeonato no verão

Estamos a falar sério: no mês de Maio ainda não principiou o campeonato de Lisboa de «rugby» da temporada!...

Alegam-se para tal anomalia razões diversas, mas nenhuma colhe: a posse tardia dos novos dirigentes eleitos só pode considerar-se obstáculo admitindo que

LEVEMENTE...

O «DIA DO BENFICA» NO BARREIRO

Coisas que se lamentam, outras que se desejam e ainda outras que merecem ser aplaudidas

DIRIGENTES e atletas do Sport Lisboa e Benfica atravessaram no domingo o Tejo para dar cumprimento ao estabelecido no programa do «Dia do Benfica no Barreiro».

A populosa vila, a sua colectividade mais representativa, outras agremiações e individualidades dos meios oficiais e particulares, primaram em bem receber e, dessa visita dos benfiquistas, para os de cá e para os de lá, boas recordações ficaram.

Pena foi que o público não tivesse ocorrido em maior número. Pena foi que os milhares de pessoas, como já temos podido verificar, que não faltam aos encontros mais rijos dos campeonatos, se mantivessem ausentes. É que o público barreirense, como o de lódas as vilas, aldeias e cidades de Portugal, só tinha rantagem em assistir a estas manifestações desportivas, em que os atletas se baleam apenas por puro desporto, sem a finalidade de ganhar a perturbar-lhes, como sucede muitas vezes, os sentidos e o espírito...

Os dirigentes das duas populares agremiações liberam em mira intenções das quais os atletas foram capacissimos interpretes: a confraternização desportiva a servir a propaganda do Ideal e — porque não? — também das cores desses dois «velhos» baluartes da educação física.

As iniciativas deste género deviam ser mais frequentes. Novo e valioso serviço prestam à causa os clubes mais categorizados cada vez que, com o prestígio do seu nome e as exibições dos seus atletas, se decidem a visitar, sem qualquer espécie de interesse, regiões e localidades mais desprotegidas.

Hoje, as condições são diferentes — para pior... Contudo, quando um dia, que oxalá esteja perto, as coisas se normalizarem, deve fazer parte do programa anual das agremiações com maiores possibilidades as visitas oficiais, com nucleos de atletas

os directores cessantes não quiseram trabalhar durante todos estes meses. No acto de posse, celebrado na semana passada com grande concorrência, o dr. Salazar Carreira, que veio trazer promessas de apoio e colaboração aos novos eleitos, pronunciou algumas judiciosas considerações sobre a vida do «rugby» e necessidade de o disciplinar pela autoridade dos árbitros e dirigentes, para conquistar público e adeptos, sem os quais o progresso da modalidade é impossível.

Deve esperar-se da renovação dos quadros directivos novos aentos na condução dos negócios do «rugby»; os dedicados orientadores cessantes acusavam seguramente o reflexo da fadiga de muitos anos de difícil e laboriosa tarefa, bem merecendo a renificação agora concedida.

JOSE DE EÇA

de diferentes modalidades, a várias terras da provincia: a umas, como reconhecimento pela simpatia que nelle di frulam; a outras, para procurarem captá-la ou aumentá-la — mas sempre com a intenção primordial de contribuir para a expansão e propagação do desporto.

Outro assunto, que vem a propósito da ideia originária desta despretenciosa crónica.

Este caso do Barreirense, da sua carreira a vários títulos gloriosa, da sua obra em trinta e quatro anos de luta e de cansaças, merece sempre ser jocado com simpatia e apreço.

Não quero deixar de afirmar a impressão infinitamente agradável que me produziu a recente visita que fiz à sua sede. E que nas paredes da sala principal figuram centenas de desenhos — ingénuos, fantásticos, alguns deles revelando verdadeiras vocações e temperamento artístico — feitos por crianças do Barreiro para um concurso organizado especialmente para a petisada. «Artistas» de 3 até 10 anos ali expuzeram as suas «produções». É admirável. Admirável e enternecedor.

Não me interessa o resultado da «compellção artistica». Pretendo apenas focar — e outros o fizeram antes de mim — a iniciativa feliz do F. C. Barreirense, que procurou assim coplar o interesse dos pequenitos da sua terra, estimulando-os e contribuindo, quiçá, para a revelação de um ou mais grandes artistas.

Uma colectividade que procede assim bem justifica a quadra que também vimos afixada numa das paredes, da autoria do sócio Jorge Soares, e que conquistou o primeiro prémio do respectivo concurso, disputado na mesma altura do «torneio infantil»:

Uma esperança que não finda, uma fé que tudo vence; um valor mais alto ainda e um só nome: Barreirense!

RUI DE LISBOA

A Iluminante
MATERIAL ELECTRICO
PARA TODAS AS
APLICAÇÕES

A casa que oferece
melhores preços e serve com
a maior rapidez

Avenida Almirante Reis, 6
Largo do Intendente, 11 a 17
Telefones: 46186, 46187 e 51146
LISBOA

PROVAS DA A. F. L.

Campeonato de juniores — Jogos de passagem de divisão — A vitória do Arroios — «Taça Carlos Sobral»

O campeonato regional de «juniores» continua a interessar os adeptos do futebol. E agora, que o Benfica e o Belenenses, ambos com 11 pontos, se encaminham para a fase final, mais agrada certamente o torneio lisboeta.

Há, de facto, bons conjuntos na capital. O Benfica e o Belenenses são os mais fortes, e a qualquer deles deverá pertencer o título. Eis a classificação actual:

Belenenses, 11 pontos; Benfica, 11; Fofosforos, 7; Sporting, 7; Belenenses B., 6; e Atletico, 6.

Na última jornada, o Sporting conseguiu opôr boa resistência ao Benfica. Este, a despeito da sua melhor categoria, só na fase final do jogo obteve o tento da vitória, e de grande penalidade. Venceu por 2-1.

O grupo de Belem sofreu dois «goals» do Fofosforos, mas marcou nitidamente a sua melhor classe. Resultado: 3-2. Afirme-se, entretanto, que o team de Marvila demonstrou mais uma vez certo valor.

Conseguiu a equipa do Atletico a sua primeira vitória na «poule» final. O grupo do Belenenses B perdeu por 3-0 e os alcantarenenses deram boa conta do recado.

Um jogo movimentou no domingo todo o bairro de Xabregas: o Chelas-«Cuf». Tratava-se do encontro de passagem da 2.ª à 1.ª Divisão e os chelenses prepararam-se para «dar tudo por tudos». De facto, a 15 minutos do fim do encontro ganhavam por 3-1, mas não souberam ou não puderam reagir contra o maior poder ofensivo dos cufistas. Vieram a ceder, muito naturalmente, mas com honra bastante.

A formação dos «cufistas» pode encerrar agora com certa serenidade o jogo de domingo próximo, no seu campo. Conte-se, entretanto, com a boa vontade dos campeões da 2.ª Divisão...

Outro campeonato se decidiu no domingo: o da 3.ª Divisão da A. F. Lisboa. Venceu o Arroios, que eliminou na final o Sport União Sintrense. O resultado de 3-2 indica-nos que o jogo foi disputado com energia e equilibrio. A vitória dos rapazes do Arroios compensa-os de muito trabalho e corresponde ao seu progresso no campo desportivo.

O G. D. da «Cuf», para a taça «Carlos Sobral», sofreu ampla derrota do Sporting (10-0). O Chelas também perdeu com o Estoril por 5-1 e o Coperário derrotou o Futebol Benfica por 5-2. Por enquanto, o torneio não conseguiu interessar. Pelo menos, tanto quanto seria necessário...

CARTÕES DE LIVRE TRÁNSITO

O Sport Algés e Dafundo, o Clube Internacional de Futebol, o Sporting Clube da Casa do Povo do Crato, o Clube Infante de Sagres e o Futebol Clube de Infesta tiveram a gentileza de nos enviar cartões de livre-tránsito nas suas instalações atléticas, que muito agradecemos.

XADREZ

(Continuação da página 7)

Cxe4; 14. Cxe4, f5? (Um erro. Mais simples e melhor seria 14... Pxp, seguido provavelmente de 15... Cf6. Agora as brancas vão dominar abertamente); 15. dx6c1 (Naturalmente. As pretas não podem evitar a perda do peão e o crescente predomínio das brancas). 15... bxc6; 16. Cd6, Cb8 (A renúncia. As pretas preferem a perda da qualidade, com evidente desvantagem. 15... Bxc7 seguido de Bb7 era melhor, embora fosse, do mesmo modo, uma questão de tempo...); 17. Cxe8, Dxe8; 18. Dd2, Ca6; 19. Ta-d1, Be6; 20. Te1, Bf7; 21. Dd7 (a posição das pretas vai desmoronar-se) 21... Dxd; 22. Td7, e4; 23. Te-d1, Bb6; 24. Bf1, Cc5; 25. T7 d2, Te8; 26. Bd4, Bb5; 27. Be2, Bf7 (uma perda de tempo que virá, mais tarde, a apressar a derrota iminente); 28. Bxc5; 29. Td8, h6? 30. Txe8, Bxe8; 31. Td8, Rf7; 32. Bb5 (o golpe de misericórdia...) 32. g6; 33. Bxg6, Rxg6; 34. Te8, Rf6; 35. Tc8—e as negras desistem.

A TAÇA TENENTE-CORONEL SACRAMENTO MONTEIRO

(Continuação da pág. 6)

ver até que ponto o público ajuda uma iniciativa desta ordem.

Se a auxiliar bem, e lhe der a sua simpatia, o torneio de agora pode constituir um exemplo magnífico para a estrutura do campeonato nacional da II Divisão. Há realmente quem pense que o melhor sistema será o de uma organização idêntica à do Campeonato da I Divisão. E parece-nos haver lógica neste pensamento...

O União soube ainda valorizar o torneio dando-lhe o nome do sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro, illustre Director Geral de Desportos.

A última jornada da primeira volta disputou-se no penúltimo domingo.

A classificação geral ficou como segue:

GRUPOS	V.	E.	D.	BOLAS	P.
1.º Sp. Braga...	4	0	1	22-	7
2.º Sp. Espinho	3	1	1	15-10	12
3.º União.....	3	0	2	13-15	11
4.º Leixões....	1	2	2	10-13	9
5.º Vianense...	2	0	3	11-15	9
6.º Sãojoanense	0	1	4	5-15	6

HIPISMO

(Continuação da página 3)

Leote, ganhando a 3.ª e a 7.ª, no «Isentos», e D. Maria Tereza Ivens Ferraz, com o «Tobruks», que venceu muito bem a 4.ª e a 5.ª, arrancando justos aplausos, a premiar as suas magníficas qualidades.

Assim começou uma época que irá decorrer com extraordinário interesse e que terá como «clou» o Concurso Hípico Internacional de Lisboa, já marcado para 19 a 24 do corrente.

ANTAS TEIXEIRA

«FLECHA»

é a melhor bicicleta

Stadium

AS INICIATIVAS DA «STADIUM»

O nosso torneio de «volleyball»

foi ganho pelo F. C. do PÔRTO

que conquistou a taça «Dr. Salazar Carreira»

TEV E o seu epílogo mais uma organização da Stadium em favor do desporto portuense, com a realização da final do torneio de «volleyball» entre as equipas A do F. C. do Pôrto e do Centro Universitário.

Diga-se, sem jactâncias, que o objectivo em vista — o da propagação de tão salutar modalidade — foi amplamente alcançado, pois as derradeiras competições tiveram sempre assistências «records».

Obteve, pois, assinalado êxito a nossa organização — e para êle em muito cont ibuiram, diga-se, as boas-vontades que de todos os sectores chegaram até nós.

Como estava determinado por sorteio, a meia-final, que despertou vivo entusiasmo, colocou frente a frente os seguintes clubes: F. C. do Pôrto A - Centro Universitário B; Académico A - Centro Universitário A.

O F. C. do Pôrto ganhou ao Centro, nas duas «meias», por 2-1 (15/7-12/15 e 21/17) e 2-1 (15/5-15/10 e 21/10)

O Centro A venceu o Académico, na primeira mão, por 2-0 (18/16 e 16/14), e perdeu na segunda por 2-1 (15/10-11/15 e

21-19). Ficaram pois apuradas para a final as equipas do F. C. do Pôrto e do Centro Universitário, esta pelo número de vitórias, 3-2.

Aguardado com o maior interesse, o derradeiro jogo chamou ao campo da Avenida elevado número de assistentes. Viram-se jogadas de bom «volley», sobretudo da parte do F. C. do Pôrto, que incontestavelmente possui a melhor equipa do Norte. O triunfo pertenceu-lhe por 2-0 (15/11 e 15/6). Os números falam claro da sua superioridade, a que o adversário opoz luta leal e muito entusiástica.

Sob a direcção de Frederico Spranger — que fez arbitragem criteriosa, excelente — os finalistas alinharam com os seguintes elementos:

F. C. do Pôrto — Castro, Mário Ferreira, Artur Oliveira, Mário Aguiar, Pinol e Cabo.

Centro Universitário — Luís Viegas, João Cabral, Archer, Helder, Nelson e Sousa.

A taça «Dr. Salazar Carreira» fica portanto na posse do F. C. do Pôrto, e ser-lhe-á entregue numa sessão solene a efectuar brevemente.

De oito em oito dias

(Continuação da página 11)

próximo, um encontro importante, contra o Barcelona, dependendo dele a possibilidade da realização desses jogos. Trata-se do Oviedo.

Daqui se depreende que não está ainda definitivamente posta de parte a sua realização, pois o principal óbice — a autorização superior da D. N. D. — está já resolvido.

Rebola a bola...

Na altura em que esta secção se burila, nada se sabe quanto à resolução federativa sobre o protesto apresentado pelo F. C. do Pôrto.

Entretanto, e para não profundermos mais o assunto — que não interessa para o caso — seja-nos permitido referir a presença do Boavista, que é, para já, o derradeiro representante da cidade do Pôrto e do seu distrito na «Taça de Portugal».

Têm os rapazes do Bessa pela frente dois jogos de responsabilidade, a puxar: aquêles em que terão de defrontar um Vitória de Setúbal, agrupamento aguerrido ao máximo, jogando à larga, com uma carreira desassombrosa, derrubando os mais fortes, ou, pelo menos, rejeando-lhes os intentos.

AS NOSSAS SEPARATAS EMBLEMAS A CÔRES DOS CLUBES

ESTÃO já a imprimir as primeiras folhas desta original série de separatas, nas quais oferecemos uma colecção de emblemas dos clubes desportivos do País, reproduzidos fielmente com tôdas as suas côres.

Estas separatas começarão a ser incluídas na STADIUM por todo o mês de Maio próximo.

Havendo clubes que não têm ainda os seus emblemas, oferecemos a nossa colaboração desinteressada: podem enviar-nos simples esboços, com a indicação exacta da distribuição das respectivas côres, porque os faremos desenhar.

SEPARATA NÊSTE NÚMERO:

CARDOSO — capitão do Sporting

Aos nossos leitores

«STADIUM» TEM O MAIOR INTERESSE em arquivar nas suas páginas todos os acontecimentos desportivos do Continente, Ilhas e Africa, através da fotografia.

Convidamos os nossos leitores a enviar-nos provas fotograficas dos assuntos que desejaríamos ver publicados.

HANDBALL

(Continuação da página 11)

à II Divisão. Não obstante, o grupo «encarnado» tem de defender a sua e sua posição nos jogos obrigatórios de passagem com o campeão da Divisão inferior.

♦ Há um contraste enorme, como temos observado, entre a acção desportiva e a acção directiva portuense. Enquanto no campo os jogadores levantam alto, sob o ponto de vista técnico, o nome do Pôrto, os elementos que têm funções de comando, quer como directores da A. H. P., como delegados dos clubes ou mesmo como jornalistas (e neste número nos julgamos incluídos, pois não desejamos fugir a responsabilidades), debatem-se em lutas estereis para o desenvolvimento do «handball».

Noutros tempos, uma simples opinião de desacordo era motivo para troca de impressões, com pensamentos elevados e dignidade para os polémistas. Agora teima-se, fecha-se a porta de incompreensão, buscando-se pequenos nadas para emperrar a boa vontade dos que, não dando satisfação a vaidades pessoais, lutem pela defesa do desporto que amparam.

Como verdadeiros amigos do «handball» e fechando os olhos a loda a maldade, renovamos o apêlo: mais acção construtiva e menos palavras!

♦ Lisboa, que tanto se perde também com «bizantinices», dedica-se mais o sério aos seus problemas. A realização dos jogos internacionais e agora o torneio de juniores — pormenores sobre os quais há muito que também se fazem projectos neste burgo, mas sem viabilidade — demonstram, a par do campeonato oficial, que os dirigentes sudistas e elementos ejectiones militam em boa comunhão.

Onde temos nós, agora, uma boa imprensa a louvar as altitudes sãs e a fomentar novas iniciativas? As louváveis, desgraçadamente, procura-se torná-las más; nas más evoluem-se as intrigas e criam-se situações indesejáveis pela existência de arestas facilmente limáveis. Atitude condenável...

LUÍS MARCOLINO

ATLETISMO

O torneio da STADIUM disputa-se sábado e domingo próximos

A época de pista do atletismo portuense tem a sua abertura no sábado e domingo próximos (5 e 6), com a realização do nosso torneio, ao qual concorre cerca de uma centena de atletas.

Estará em disputa a taça «Roberto Machado», destinada à equipa vencedora.

Ano III — II Série — N.º 126 Lisboa, 2 de Maio, de 1945

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.

Redacção e Administração

T. Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

Telefone 51146 — LISBOA

Execução gráfica de NEGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

"STADIUM"

NA CAPITAL DO NORTE

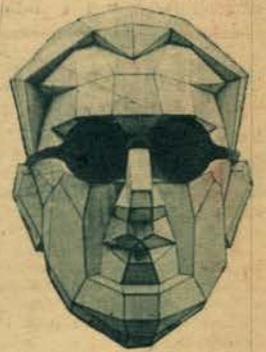


1—Aspecto da despedida de Manuel Marau, valoroso atleta do F. C. de Gaia; 2—O presidente da A. F. P. entrega aos juniores do F. C. do Porto as medalhas de campeões regionais; 3—O grupo dos jovens campeões do F. C. do Porto; 4—Durante o banquete organizado pelo Sport Clube do Porto em honra de António Grave, seu brilhante atleta, que retira para Lisboa



O «RECORD» do VASCO DA GAMA

O Vasco da Gama ganhou os campeonatos portugueses de basketball em todas as categorias. Os campeões: 1—Categoria de honra; 2—Reservas; 3—Terceiras categorias; 4—Juniores; 5—Quartas categorias



GIL OCULISTA

FUNDADA EM 1868
 Depositária das lentes "ZEISS"
 Binóculos, Termómetros
 Bússolas de marcha, etc.
 Aparelhos de Precisão

138, RUA DA PRATA, 140
 Telefone 22629 LISBOA